

## **Azulejo, culture, memory and society: study of the social meanings of the ceramic tile heritage**

**Marluci Menezes**

Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, Portugal, [marluci@lnec.pt](mailto:marluci@lnec.pt)

*SUMMARY: This reflection is part of a wider interest in the study of the social processes of development of cultural heritage. Based on the knowledge of how these values are formed and represented, this more ambitious purpose is oriented towards the identification of how social and symbolic meanings related to cultural heritage can, in a dynamic, interactive and negotiated way, collaborate with protection and conservation practices. As a general framework, it is assumed that the process of heritage invention is a social practice, simultaneously mentioning that so are also the preservation and conservation, which require social involvement and other types of commitment. In fact the tile heritage is no exception to this starting frame. Therefore, this reflection whose goals are more modest, illustrates some of the preambles leading to the interest in starting a research on the social meanings associated with the azulejo (ceramic tile) integrated in architecture. The focus of the reflection is the Portuguese context, where it is supposedly consistent to refer that the azulejo is a secular element of material culture: present with special relevance in the country's cultural landscape and presenting itself as an identity marker; with a permanent place in a national museum, the tile material comprises the contents that define the heritage category, protagonist in the internationalization of the country. The significant exaltation of the expression of tile matter is echoed in several different contexts, discourses and representations. Values of use, function, artistic, decorative and aesthetic, historical, technical and scientific, support the secular tile culture, potentially setting a cultural uniqueness that is plural in diversity through which styles, themes, textures, materials, techniques, colours and patterns are revealed to the eyes of careful observers. However, the secular taste for azulejo also seems to reveal an ambiguous relationship of people and communities with the tile as a material, recognized in the relationship of simultaneous affection and disaffection, reflecting the enhancement in the use of tiles and its trivialization, due to the habit of using and seeing them.*

*What do the appreciable demonstration of enjoyment for the tile, and the manifestations of carelessness, disinterest, vandalization and substitution explain about the relationship between society and heritage? This first perplexity of the relationship of people and communities with the azulejo is the initiatic preamble of an anthropologist to learn about the social universe that covers the culture of the ceramic tile. Therefore, this reflection raises questions about the potential interest of broadening the scope of comprehending azulejo heritage also to its social meaning.*

**KEY-WORDS:** azulejo, heritage, social meanings, anthropology



## Azulejo, cultura, memória e sociedade: para um estudo dos significados sociais do património azulejar

**Marluci Menezes**

Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, Portugal, [marluci@lnec.pt](mailto:marluci@lnec.pt)

*RESUMO: Esta reflexão enquadra-se num interesse mais vasto pelo estudo dos processos sociais de valorização do património cultural. Partindo do conhecimento do modo como estes valores são constituídos e representados, este propósito mais ambicioso orienta-se no sentido de identificar como os significados sociais e simbólicos relacionados com o património cultural podem, de modo dinâmico, interativo e negociado, colaborar com as políticas de salvaguarda e práticas de conservação. Como enquadramento geral, pressupõe-se que o processo de invenção do património é uma prática social, simultaneamente aludindo-se que o são igualmente a sua salvaguarda e conservação, o que exige envolvimento social entre outros tipos de empenhamento. Ora, o património azulejar não foge a este enquadramento de partida. Pelo que, nesta reflexão cujos objetivos são mais modestos, ilustram-se alguns dos preâmbulos que suscitaram o interesse em iniciar um percurso de investigação dos significados sociais associados ao azulejo integrado na arquitetura. O foco de reflexão é o contexto português, onde supostamente é consentâneo referir que o azulejo é um elemento secular da cultura material: ocupa com especial relevância a paisagem cultural do país e apresenta-se como um marcador identitário; com lugar cativo num museu nacional, a matéria azulejar é abarcada pelos conteúdos que definem a categoria património, vindo também a protagonizar uma determinada linha de internacionalização do país. A significativa exaltação da expressão da matéria azulejar repercute-se em diversos e diferentes contextos, discursos e representações. Valores de uso, função, artísticos, decorativos e estéticos, históricos, técnicos e científicos sustentam a secular cultura azulejar, potencialmente definindo uma singularidade cultural que é plural na diversidade através da qual se revelam, aos olhos do observador mais atento, estilos, temas, texturas, materiais, técnicas, cores e padrões. Todavia, o gosto secular pelo azulejo parece também revelar uma relação ambígua das pessoas e comunidades com a matéria azulejar, havendo uma relação de afeto e desafeto, onde tanto é refletido o enaltecimento no uso do azulejo como a sua trivialização, devido ao hábito de usar e ver azulejos.*

*O que a apreciável demonstração de gosto pelo azulejo, e as manifestações de descuido, desinteresse, vandalização e substituição explicam sobre a relação entre a sociedade e património? Este primeiro estranhamento da relação das pessoas e das comunidades com o azulejo, constitui um preâmbulo iniciático de uma antropóloga para aprender o universo social que abarca a cultura azulejar. Pelo que, nesta reflexão questiona-se sobre o potencial interesse em alargar o âmbito de entendimento do património azulejar também ao seu significado social.*

**PALAVRAS-CHAVE:** azulejo, património, significados sociais, antropologia



## 1. INTRODUÇÃO

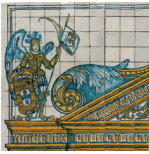
Visa-se ilustrar alguns dos aspetos que suscitaram o interesse em iniciar um percurso de investigação sobre os significados sociais associados ao azulejo integrado na arquitetura. O argumento de reflexão parte de um estranhamento do que se afigura como uma relação social ambígua com a matéria azulejar, como se tratando de uma relação de afeto e desafeto.

Está-se ciente de que a relação social com os bens patrimoniais exprime, na sua generalidade, ligações de apego e desapego, não sendo este um aspeto que, em si, seja exclusivo do azulejo. Mas, se é que o interesse pela temática da relação social com os bens patrimoniais é aqui realizado a partir do azulejo, é consequente o facto de que este interesse ser influenciado pela desafiante ideia de que, em Portugal, a cultura azulejar manifesta-se a partir de um “espírito de continuidade renovada”, como tão bem referiu Reynaldo dos Santos <sup>[1]</sup>.

Chama-nos, assim, a atenção o facto da secular relação social com o azulejo traduzir-se, por um lado, no exaltar do seu uso e da sua singularidade conforme manifestados na paisagem cultural do país. Enquanto, por outro lado, esta mesma relação traduz-se, aparentemente, numa ligação de displicência, entretanto revelada pelas manifestações de descuido, desinteresse, abandono, vandalização e substituição do revestimento azulejar. Uma relação que tanto pode expressar-se num sentimento de enaltecimento e celebração, como num sentimento de trivialização, já que supostamente infere uma ligação rotineira, em que usar e ver azulejos faz parte de um hábito. Um sentido rotineiro que poderá, eventualmente, exprimir uma desvalorização quotidiana pelo uso do azulejo, como se os significados sociais a ele associados não se constituíssem por um valor de excecionalidade. Muito embora, possa-se casualmente admitir que o sentido excecional do azulejo inspire a ocorrência de determinados atos de vandalismo, como sejam o roubo e a consequente venda ilegal. Enquanto, porventura, possa-se também mencionar que este mesmo sentido de excecionalidade seja mais facilmente captado por determinados públicos, como sejam os turistas, para além de estudiosos e interessados na matéria. Mas, quer seja uma relação de afeto, quer seja de desafeto, intriga-nos o facto de que uma como outra situação manifestam-se a partir de um prolongado e complexo processo de continuidade, adaptação, descontinuidade e renovação.

Na verdade, estas considerações merecem ser melhor exploradas e aprofundadas, o que faz-nos questionar sobre: Qual o lugar ocupado pelo azulejo na significação social do património? Qual é o significado do património azulejar para as pessoas e comunidades? Quem valoriza o património azulejar e por que motivo? Que práticas socioculturais permitem explicar as formas através do qual o azulejo é (ou não) socialmente valorizado?

À partida, a relação das pessoas e comunidades com o azulejo sugere um interessante pretexto para aprofundar o conhecimento sobre a mediação entre memória, sociedade e identidade. De modo que o objetivo desta reflexão é introduzir este interesse de estudo. Visa-se, assim, contribuir para alargar o âmbito de entendimento do património azulejar ao seu também significado social.



## 2. A CONTÍNUA RENOVAÇÃO DA ARTE AZULEJAR: PRENÚNCIOS DE UMA PERSPETIVA ANTROPOLÓGICA DE ESTUDO

No reconhecimento da importância da arte azulejar portuguesa foi pioneiro Joaquim de Vasconcelos <sup>[1]</sup>, um autor que no âmbito de uma “etnografia espontânea” foi, como refere João Leal, fundamental para a “emergência da arte popular em Portugal” <sup>[2]</sup>:

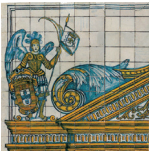
“ (...) será no âmbito da história da arte e do design, conhecido então pelas expressões de ‘desenho artístico’, ‘indústrias caseiras’, ‘desenho industrial’, etc., que a arte popular se afirma como um domínio autónomo dentro do universo mais englobante das coisas populares. Embora o processo tenha envolvido outros intelectuais – como Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, D. José Pessanha, etc. – foi sobretudo sobre Joaquim de Vasconcelos que repousou a tarefa de articular e propagandar a ‘nova causa’.

(...) Assim, à semelhança de muitos dos seus contemporâneos, Joaquim de Vasconcelos defende um programa de nacionalização da arte portuguesa que valorize e retome o que é português, contra o que vem de fora. Procurar nos estilos do passado as particularidades do ‘génio nacional’ – expressão recorrente em Vasconcelos – é uma das facetas mais importantes desse programa, que se configura, antes do mais, como um contributo para uma catalogação nacionalista das formas artísticas existentes no território português.” <sup>[2]</sup>

A “etnografia espontânea” desenvolvida por Joaquim de Vasconcelos, bem como por Vergílio Correia (também “oriundo do campo das artes”) e Ernesto de Sousa é, de acordo com João Leal, essencial “no processo de constituição e desenvolvimento daquele que foi, entre 1870 e 1970, um dos campos mais visíveis da antropologia portuguesa enquanto empreendimento duplamente centrado na cultura popular e na identidade nacional: a arte popular”. A pesquisa realizada por estes autores tornou-se, assim, “um dos produtos mais visíveis da tradição antropológica portuguesa”, onde “o interface entre etnografia e sociedade ao longo desse período assentou em grande medida nesse conjunto de objectos populares instavelmente situados entre a arte e o artesanato, o turismo e a decoração, o museu e o ‘bibelot’ (...)” <sup>[2]</sup>

Ao olhar mais em específico para Joaquim de Vasconcelos e o trabalho que desenvolveu relativamente ao tema do azulejo, é de notar que para Reynaldo dos Santos, aquele estudioso foi quem, de modo pioneiro, relevou a “significação artística” do azulejo português “na perspetiva das nossas artes decorativas” <sup>[1]</sup>. Segundo Reynaldo dos Santos, o mérito de Joaquim de Vasconcelos ainda estende-se a outros parâmetros: combateu a tendência para atribuir ao azulejo português uma influência externa, reconheceu “que muitas composições dos azulejos eram cópias de gravuras alemãs e flamengas; dando por isso importância, por mais original, à representação de cenas da vida profana nacional”; fez referência a importantes coleções de azulejo, pré-iniciando uma perspetiva de inventário. Ao reconhecer o papel crucial de Joaquim de Vasconcelos para o tema do estudo da arte azulejar, Reynaldo dos Santos comenta, todavia, que o seu pioneirismo não seria tanto no âmbito de uma história do azulejo, mas sobretudo por ter revelado o “significado etnográfico, espelho dos costumes e gostos nacionais” conforme expressos em significativos painéis azulejares <sup>[1]</sup>.

Os trabalhos de Joaquim de Vasconcelos sobre a arte popular foram comentados por João Leal como uma perspetiva em que foi central a “equação entre nacional e popular” e que,



para efeito, abrange “uma diversidade grande de produtos e objectos: desde a olaria – que seria, a par dos jugos, uma das mais expressivas manifestações da arte popular – ao azulejo, dos tapetes em materiais vegetais do Algarve às rendas e tecidos, do mobiliário popular às esculturas em madeira.” [2]

O interesse etnográfico pela arte popular portuguesa é também realçado nos trabalhos de Rocha Peixoto [2, 3]. Mas, segundo João Leal:

“ (...) ao mesmo tempo que abrem um novo domínio à investigação etnológica, os escritos de Rocha Peixoto fazem-no em termos algo paradoxais. Dominado por ideias decadentistas acerca do povo e do país, Peixoto procede de facto a uma caracterização negativizada das diferentes formas da arte popular portuguesa, de que o melhor exemplo é o seu artigo de 1898 sobre as olarias do Prado.” [2]

Para o caso específico do azulejo de figura avulsa, nomeadamente no que respeita a representação iconográfica de cunho popular, Rocha Peixoto refere:

“Barbaro, sem tradição nem escola de arte local inspiradora, limitado em faculdades imaginativas, o pintor apenas copia os objectos envolventes ou traça na faiança, primitivo quasi e simplista, o devaneio ou a fantasia baseadas nas superstições e fabulas em que acredita e o embalam. Factura péssima, vidrado péssimo, este azulejo grosseiro e rude, considerado n’um conjunto, tem emtanto alguma significação ethnographica: porque n’ell se estampam costumes, personagens e objectos que resumen popularmente uma iconografia do tempo através de humildes oleiros que assim legaram o seu impressivo commentario e relato da vida de então.” [4]

Mas, a par do sentido “negativista” [2] que assume a descrição de Rocha Peixoto sobre a iconografia popular em azulejo é, todavia, de reconhecer que o autor não só depreende a importância do seu significado etnográfico, como infere sobre o sentido próprio e único do azulejo português. Veja-se, assim, o seguinte extrato do referido trabalho do autor:

“Se muitos foram copias e imitações de raz e de gravuras, se outros procedem de artistas estrangeiros, e alguns illustres, como certos da Madre de Deus cujos cartões se atribuem a Rubens ou à sua escola, verdade é que bem frequentemente o pintor ceramico portuguez como que nacionalisa essas grandes composições de inspiração alheia, Em originaes a sua inferioridade é patente: tambem na que é a Bélgica actual pintaram azulejo solto que mais parece copia do nosso que do fabricado nos Paizes-Baixos. Mas esta larga decoração mural ensejou um esplendente e profuso labor artístico que, em ultima analyse, pela confinção e pelo numero, como só nos pertence.” [4]

Em todo o caso, é de relevar o facto de que a particular e expressiva “cidade de loiça” [5] que ocupa a paisagem cultural do país fez com que visitantes estrangeiros, em princípios do século XX, observassem que “nas nossas casas, antigas e modernas, principalmente nas fachadas, é tão vulgar o uso do azulejo, liso, polychromo, de desenho mais ou menos elegante que Albrecht Haupt o considera ‘bem característico da architectura portuguesa’, e Theodor Bogge ‘característico do País’, como Raczynski o appellidara ‘physionomico’ ” [6]. Na verdade, a especificidade do azulejo português, parece não só definir uma “originalidade” que, desde o século XVI, residiria na “sua própria evolução, cuja unidade residiu, não na imutabilidade duma concepção tradicional, mas na variedade de invenção inspirada na adaptação ao estilo e espírito das épocas” [1]; como também define um secular “gosto” [7]. Pelo que, o “espírito de continuidade renovada” define uma tal “vitalidade” [1]



que, nos dias de hoje, faz com que o azulejo seja considerado como “um elemento diferenciador da cultura nacional portuguesa no contexto universal da criação artística” [8]. Uma “continuidade renovada” [1] por entre expressões, lugares, desejos, interesses, grupos sociais e visões de mundo, permitindo inferir sobre alguns aspetos da mediação entre cultura, memória, identidade e sociedade.

### 3. O AZULEJO É BOM PARA PENSAR

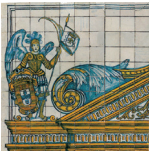
Em Portugal, a pesquisa antropológica sobre a cultura popular associada à arquitetura dedicou-se mais ao pormenor ao estudo das dimensões sociais da construção vernacular. Pouca atenção tem merecido o estudo das ressonâncias sociais do “gosto” português pelo azulejo, mesmo aquando de uma maior disseminação social no seu uso. Os estudos antropológicos desenvolvidos sobre as representações da sociedade em painéis de azulejo da primeira metade do século XX, conforme dispostos nas estações de comboio, mercados, praças, fontes, comércios e casas particulares, iluminam este aparente esquecimento [9, 10, 11]. Estes estudos apontam para aspetos de uma ideologia dominante e de cunho estatal que, através dos painéis azulejares, pretendiam espelhar uma imagem nacionalista da sociedade. O painel azulejar é visto como um espelho que reflete – interna e externamente – um ideal de sociedade nacional. Vislumbrando refletir também um determinado ideal de País num promitente turismo, à época ainda incipiente. Todavia, estes estudos referem-se as representações iconográficas de uma sociedade conforme refletidas no suporte azulejar e que, em si, não necessariamente é o que instiga o presente interesse pela cultura azulejar, já que mais vocacionado para investigar os processos sociais de valorização do azulejo. Contudo, estes mesmos estudos permitem, por agora, especular sobre o porque do suporte azulejar para representar os aspetos antes referidos, e não um outro tipo de suporte?

Refira-se ainda que os estudos acima indicados revelam um aspeto com particular interesse para a abordagem da cultura azulejar aqui perspetivada: a relação entre identidades sociais, nação, turismo e património. Um aspeto, aliás, já evidenciado por Santos Simões [12] quando refletiu sobre o proveito em relacionar o campo do património azulejar com o do turismo.

Mas, a relação entre excecionalidade, valorização e a potencial atração turística do património azulejar não é de fácil gestão face às situações de perda deste património, quer pela sua deterioração, intervenções desajustadas e de substituição, quer pela falta de manutenção, roubo e comercialização, como retratado em artigo de opinião do Diário de Notícias (de 06.12.2011) e que se intitulou “A cultura, o turismo e o património azulejar” [13], e mais recentemente observado em artigo intitulado “Câmaras reforçam protecção dos azulejos, mas furtos estão a aumentar” (Público, de 19-04-2015) [14]. Observa-se ainda que, neste último artigo jornalístico, é insinuado uma provável relação entre o atual aumento do turismo no país, com destaque para Lisboa, e o recente incremento dos furtos de azulejo.

Joana Bragança [15] esboça, inclusivamente, um curioso conjunto de perfis e tipologias associado ao roubo dos azulejos, destacando-se os seguintes:

- (1) Perfil de quem rouba: “ (...) grupos organizados com vários intermediários e onde o processo de investigação policial é mais complexo, mas na grande maioria o perfil destes ladrões é definido por toxicodependentes que roubam em troca de algumas moedas. Pessoas sem conhecimentos e técnicas na remoção dos azulejos do seu suporte arquitetónico e que não só furtam como partem muitos azulejos durante o processo de levantamento, tornando a perda ainda maior”.



- (2) Perfil de quem compra: “turistas de passagem” e “pequenos colecionadores interessados em enriquecer as suas coleções”.
- (3) Tipologia dos azulejos mais frequentemente roubados: sobretudo os “de padrão do século XIX têm vindo a formar-se o alvo preferencial, resultado da grande quantidade de azulejos que revestem as paredes das nossas cidades mas também pelo facto de serem de padrão dificilmente se percebe se os azulejos foram roubados ou adquiridos licitamente”.
- (4) Tipologia das edificações mais vulneráveis ao roubo do azulejo: “igrejas, fachadas e escadarias”.
- (5) Tipologia dos lugares de venda de azulejos roubados: “na sua maioria em mercados de pequenas dimensões como a Feira da Ladra”.
- (6) Tipologia dos motivos que facilitam o furto: “facilidade de acessos e, muitas vezes, a falta de conservação preventiva dos edifícios”.

No entanto, a par do papel destas tipologias para a definição de estratégias de uma determinada linha de proteção do património azulejar e de minimização do risco de vandalismo, o âmbito do nosso interesse de estudo aponta para uma outra perspetiva de abordagem. O interesse aqui é aprofundar o conhecimento sobre a relação entre cultura, memória e sociedade a partir do azulejo. Neste sentido, é-se sobretudo orientado por questões como: Qual é o perfil social de quem “gosta” do azulejo? Qual o motivo pelo qual o azulejo é socialmente valorizado pelas pessoas e comunidades?

Repare-se, assim, que o percurso através do qual as pessoas lembram, organizam, pensam, aspiram, apropriam e usam manifestações diversas da cultura é, em grande medida, crucial na invenção e no reconhecimento do que é património cultural. Esta perspetiva é fundamental porque, como nos diz José R. dos Santos, “os objetos que compõem um património precisam encontrar ‘ressonância’ junto a seu público”, já que a classificação de certos bens culturais por organismos públicos, não necessariamente encontra “respaldo ou reconhecimento” nos vários segmentos da população <sup>[16]</sup>.

Logo, o “gosto” português pelo azulejo é aqui ponderado como uma expressão social e cultural boa para pensar a mediação entre memória, cultura, identidade e sociedade. Isto porque, o “gosto” pelo azulejo não só abarca significados históricos, artísticos, científicos, funcionais e decorativos, como também um certo sentido de fazer, contextualizar, representar, significar e valorar o mundo social. Um gosto que, na sua renovada continuidade, permite inferir sobre os significados sociais e simbólicos que se ocultam por detrás da sua consagração como património, dos usos e desusos quotidianos. Ao que, considerando que “não há património que não seja ao mesmo tempo condição e efeito de determinadas modalidades de autoconsciência individual ou colectiva” <sup>[16]</sup>, julga-se de interesse aprofundar o conhecimento sobre o contínuo e renovado “gosto” pelo azulejo enquanto mobilizador de significados sociais e demarcador de identidades.

## 5. LINHAS DE INVESTIGAÇÃO FUTURA

Perspectiva-se que a concretização das considerações até aqui traçadas num estudo que viabilize melhor conhecer os processos sociais de significação e valorização social do azulejo, deverá primeiramente reter-se em dois grandes eixos de orientação, nomeadamente:

- Identificação da comunidade patrimonial envolvida com o património azulejar.



Refira-se, neste sentido, que na Convenção de Faro <sup>[17]</sup> – sobre o valor do património cultural para a sociedade – a noção de comunidade patrimonial é definida como aquela que “é composta por pessoas que valorizam determinados aspetos do património cultural que desejam, através da iniciativa pública, manter e transmitir às gerações futuras” (cf. alínea b, do Art. 2.º).

- Reconhecimento dos processos sociais contemporâneos de produção de significados relacionados ao azulejo.

Salienta-se que, também de acordo com a Convenção de Faro <sup>[17]</sup>, o acesso ao património cultural e a participação democrática relevam como de interesse “tomar em consideração o valor atribuído ao património cultural com o qual se identificam as diferentes comunidades patrimoniais” (cf. alínea b, do Art. 12.º).

Perspetiva-se, assim, o desdobramento destes dois grandes eixos temáticos no desenvolvimento de uma lógica de estudo que permita identificar:

- As razões e as condições históricas que sustentam, hoje, a valorização do social do azulejo.
- As experiências sociais que, no âmbito da matéria azulejar, contribuem para a elaboração de significados e valores socioculturais.
- Os mecanismos simbólicos que, através do azulejo, operam como marcadores identitários.
- A relevância do azulejo nas políticas públicas relacionadas com o património cultural.

Para além da análise de bibliografia especializada sobre a matéria de estudo, visa-se, analisar as narrativas e explanações do País a partir do azulejo conforme consta nos meios de comunicação social, guias turísticos, discursos de especialistas e técnicos. Visa-se ainda identificar a acuidade da salvaguarda do azulejo nas políticas públicas.

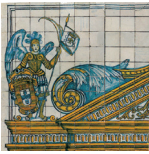
Central para a compreensão dos processos sociais quotidianos de elaboração de significados e valorização do azulejo, será a realização de estudos de caso, recorrendo para efeito ao método etnográfico. Estes estudos de caso deverão ser realizados em determinados núcleos históricos urbanos, alguns deles em Lisboa. Prevê-se, todavia, a eventual possibilidade de alargar-se esta perspectiva etnográfica de estudo a outras áreas urbanas históricas, destacando-se, por agora, determinados contextos do Alentejo.

Para prosseguir com o estudo, foi recentemente submetido um projecto à FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia) para obtenção de apoio financeiro, envolvendo esta candidatura, para além do LNEC, o MNAz (Museu Nacional do Azulejo), a UE (Universidade de Évora), o ISCTE-IUL (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa) e o CRIA (Centro em Rede de Investigação em Antropologia).

## 6. NOTAS FINAIS

Esta reflexão enquadra-se num interesse mais vasto de estudo dos processos sociais de valorização do património cultural. Partindo do conhecimento do modo como estes valores são constituídos e representados, este propósito mais ambicioso orienta-se no sentido de identificar como os significados sociais e simbólicos relacionados com o património cultural podem, de modo dinâmico, interativo e negociado com a comunidade patrimonial, colaborar com as políticas de salvaguarda e práticas de conservação. Como enquadramento geral,





pressupõe-se que o processo de invenção do património é uma prática social, simultaneamente aludindo-se que o são igualmente a sua salvaguarda e conservação, o que exige envolvimento social entre outros tipos de empenhamento.

No processo de decisão das estratégias de conservação do património, convém estar-se atento a quem valoriza o património e ao motivo pelo qual o mesmo é valorizado, sendo apropriado ainda saber o que cada grupo social pensa acerca do património, bem como conhecer qual a relação estabelecida entre diferentes grupos <sup>[18]</sup>. Ao considerar-se a salvaguarda e a conservação do património como práticas comuns interessa, então, conhecer e identificar os significados socioculturais associados às diferentes partes interessadas. Isto porque, na definição de uma melhor estratégia de conservação e salvaguarda do património cultural, interessa criar uma plataforma de entendimento acerca dos significados socioculturais dos objetos ou lugares <sup>[18]</sup>. Convindo, todavia, atender que os significados e valores sociais são dinâmicos, o que pode vir a traduzir-se num continuado refinamento das estratégias de conservação e dos mecanismos de tomada de decisão <sup>[19, 20]</sup>. Ora, o intuito de melhor compreender algumas das subtilezas sociais de uma continuada renovação no uso e apreciação do azulejo, visa ajustar-se a esta perspetiva de conservação e salvaguarda.

## Créditos

Investigação realizada ao abrigo do Projeto 0202/111/19014 do Plano de Investigação e Inovação do LNEC 2013-2020.

## Referências bibliográficas

- 1 SANTOS, R. dos - O Azulejo em Portugal. Editorial Sul Limitada, Portugal, 1957.
- 2 LEAL, J. - “Metamorfoses da Arte Popular: Joaquim de Vasconcelos, Vergílio Correia e Ernesto de Souza. Etnográfica, Vol. VI (2), 2002, pp. 251-280.
- 3 FERNANDES, I. M. - “Rocha Peixoto: O Gosto pela Cerâmica e Pelos seus Artífices”. Actas do Colóquio Rocha Peixoto no Centenário da sua Morte. Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, Póvoa do Varzim, 2010, pp.93-132.
- 4 PEIXOTO, R. - “Uma Iconographia Popular em Azulejos”. Portugália, nº 1: 3. 1901, pp. 585-590.
- 5 PAIS, A. - “A construção de uma cidade de loiça. Maria Keil e a renovação da azulejaria contemporânea”. In De propósito – Maria Keil, obra artística [catálogo de exposição]. Museu da Presidência, Lisboa, 2014, pp.50-59.
- 6 CASTANHEIRA DAS NEVES, J.P. - Notas sobre Portugal. Vol.1, pp.169, Lisboa, Imprensa Nacional,1908.
- 7 Um gosto português. O uso do azulejo no século XVII [catálogo de exposição]. Lisboa: MNAz/Athena, 2012.
- 8 MATOS, M.A.P. - “Presentación”. Catálogo de la Exposición “Azulejo Portugués – Diálogos Contemporáneos. Instituto Camões, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Secretário de Estado da Cultura, Museu Nacional do Azulejo, Lisboa, 2012.
- 9 MINGOTE CALDERÓN, J.L. - “La representación patrimonializada de un país. Portugal en los paneles de azulejos de la primera mitad del siglo xx”. Anales de Museo Nacional de



# GlazeArch2015

International Conference

Glazed Ceramics in Architectural Heritage

- Antropología, XV, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, Secretaria General Técnica, 2013, pp. 152-187. Disponível em: <http://pt.calameo.com/read/000075335fcf96afd81db>
- 10 MINGOTE CALDERÓN, J.L. - “Cestos, gestos y género, en los azulejos portugueses de la primera mitad del siglo XX”. Revista de Dialectología y Tradiciones Populares. Populares, vol. LXIX, n.º 2, julio-diciembre, 2014, pp. 435-466, doi: 10.3989/rdtp.2014.02.009. Disponível em: <http://rdtp.revistas.csic.es/index.php/rdtp/article/view/460/464>
  - 11 MINGOTE CALDERÓN, J.L. - “Imágenes del «pueblo» en los paneles de azulejos portugueses de la primera mitad del siglo XX”. Anales de Museo Nacional de Antropología, XVI, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, Secretaria General Técnica, 2014, pp. 172-212. Disponível em: <http://es.calameo.com/read/00007533503cb0d4f303e>
  - 12 SANTOS SIMÕES, J.M. - “O azulejo como factor de atracção turística”. Comunicação apresentada ao I Congresso de Estudos Turísticos, Lisboa, 1964.
  - 13 MANGORRINHA, J. - “A cultura, o turismo e o património azulejar”. Diário de Notícias, 06.12.2011. Disponível em: [http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content\\_id=2168619&seccao=Convidados](http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=2168619&seccao=Convidados)
  - 14 SOARES, M. - “Câmaras reforçam protecção dos azulejos, mas furtos estão a aumentar”. Público, 19-04.2015. Disponível em: <http://www.publico.pt/local/noticia/camaras-apertam-regras-para-protoger-azulejos-mas-os-furtos-estao-a-aumentar-1692745>
  - 15 BRAGANÇA, J. - “Herança Perdida”. Cadernos de História da Arte, n.º 1. Lisboa, 2013, pp. 156-163. Disponível em: <http://cad.letras.ulisboa.pt/index.php/Cadharte/issue/view/9>
  - 16 GONÇALVES, J.R.S. – “Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimónios”. Ministério da Cultura Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Departamento de Museus e Centros Culturais, Rio de Janeiro, 2007.
  - 17 CONVENÇÃO DE FARO. “Convenção-Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade”. Faro, 27 de outubro de 2005. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1270>
  - 18 ARIZPE, L. - “Cultural Heritage and Globalization”; in AVRAMI, Erica; MASON, Randall; Torre, Marta de la (coord.), Values and Heritage Conservation [Research Report]. The Getty Conservation Institute, Los Angeles, 2000, pp. 32-37.
  - 19 AVRAMI, E; R. Mason and M.de la Torre, (coord.). «Values and Heritage Conservation” [Research Report]. The Getty Conservation Institute, Los Angeles- USA, 2000.
  - 20 MENEZES, M. - “Do problema do valor cultural às opções de patrimonialização”. Livro de Atas do Congresso De Viollet-Le-Duc à Carta de Veneza: Teoria e Pática do Restauro no Espaço Íbero-Americano. LNEC: Lisboa, 2014, pp. 223-228.